



O VAZIO E A FELICIDADE

Guilherme dos Santos Carvalho

"Full is not heavy as empty, not nearly my love, not nearly..."

Fiona Apple

O que você pretende fazer das suas fotos antes de morrer? Por acaso já pensou na possibilidade de "fazer a diferença"? Já pensou na possibilidade de preencher sua vida com alguma coisa que o faça existir de verdade, com algo que o faça feliz?

Ana, personagem do romance Vergonha dos pés, de Fernanda Young, pretende rasgar suas fotos antes de morrer. Ela queria ser escritora, mas não consegue escrever nada, apenas imaginar o que poderia ser escrito. A personagem passa por uma fase muito difícil de sua vida, em que tudo se

transforma em tédio: sua faculdade, seu namorado, sua vivência. Depois de ler este trecho, que é uma carta que Ana escreve ao seu namorado Jaime, você vai entender o que eu quis dizer com minha pergunta inicial...

*Passarei pelo mundo
como os milhões que já
passaram, os bilhões,
trilhões de desconhecidos
que não tiveram nada para
deixar para o futuro.
Milhares de rostos na
sombra, no limbo.*

"Sou uma pessoa solitária. Mesmo acompanhada, sinto-me só. É minha natureza, não sei que espírito ruim me possui, ou quais os

males que estou pagando, só sei que não consigo ser feliz. E nem mais quero, pois me sinto totalmente despreparada e sem talento para a paz. O que tenho é tédio, tédio de tudo e tudo mais. Quero dormir, mas não consigo. Quero levantar-me e andar léguas, mas um sono incontrolável se apodera de mim. Sou assim. Uma pessoa que, por algum motivo misterioso, aprendeu a sofrer e, gostando ou não, viverá sempre assim: sofrendo. (...) Eu, que nenhum talento possuo, que passarei pela vida sem ter cometido uma grande obra. Sem ser herói ou assassino. Passarei pelo mundo como os milhões que já passaram, os bilhões, trilhões de desconhecidos que não tiveram nada para deixar para o futuro. Milhares de rostos na sombra, no limbo. Cada qual dependendo de filhos, netos, bisnetos e tudo o mais, para serem lembrados. Porém a memória da vida de um homem médio não dura mais que três ou quatro gerações. Algumas pessoas são imediatamente esquecidas quanto partem.

Partem para onde? Para onde eu irei quando morrer? (...) O que sobrar de minha existência quando ela não mais existir? Isso! Não mais existirá. Nada. Nenhum filho ingrato a curar suas culpas, indo colocar flores no jarro sobre a minha lápide. Nenhum amor sofrendo, pela lembrança de minha juventude. Nem amigos contando

histórias sobre porres inesquecíveis. Nada. Um dia encontrarão algumas fotos e cartões-postais numa caixa de madeira velha. Encontrarão restos de mim, em papel e anotações. Talvez um corretor imobiliário encontre minhas lembranças todas, dentro de uma caixa velha de papelão. Um dia, talvez uma jovem curiosa, mexendo em papéis velhos numa feira de antigüidades, encontre fotos minhas. Eu, com minha prepotência e alma de escritor. Que nunca escrevi uma só linha que prestasse. Ali, na caixa de madeira ou papelão. Fotos de uma mulher que nunca quis ter filhos e não os teve. Fotos de uma mulher que não cultivou amigos, nem amantes eternos.

Uma mulher que tem o nome nobre e talvez a alma também. Não tive pai para amar, tive mãe para odiar e algumas paixões. Sou Ana e pretendo rasgar minhas fotos antes de morrer".

Rasgarei todas as minhas fotos quando sentir a morte chegar. Peço a algum Deus, caso exista e esteja me escutando: avise-me quando a morte estiver em meu encalço! Não serei eterna como aqueles que fizeram algo estrondoso. Não sou Proust, não sou Hitler, não sou nem mesmo o papagaio do Pirata da Perna de Pau. Sou Ana

Delfina Amaral. Uma mulher que tem o nome nobre e talvez a alma também. Não tive pai para amar, tive mãe para odiar e algumas paixões. Sou Ana e pretendo rasgar minhas fotos antes de morrer".

A vida de Ana é isto: um nada. Ela se encontra mergulhada no mais profundo tédio, na mais completa ausência de símbolos. Ana, para ser sincero, está à beira do suicídio. Não há mais motivos para que ela continue vivendo, pois ela não vê mais nenhuma perspectiva em sua vida. Tudo se resume ao tédio, ao vazio. Pode parecer um pouco dramático, mas o tédio acaba transformando nossas vidas nisto: em nada. Assim, volto à minha primeira pergunta: o que você pretende fazer das SUAS fotos antes de morrer?

O livro Vergonha dos pés conta um pouco da trajetória de Ana até esse momento crucial de sua vida: o do mais completo tédio. É um livro que nos faz pensar, rir e chorar quase que ao mesmo tempo. A obra nos apresenta uma análise muito interessante, sob o ponto de vista de Ana, de vários aspectos da vida, como o amor, a felicidade, o acaso, a família, o trabalho e vários outros. É inevitável que comparemos cada um deles ao tédio cada vez maior em que a personagem principal se encontra, e também à importância de cada um desses valores, desses símbolos em nossas vidas. A autora

descreve esses pontos de maneira tão envolvente que às vezes a leitura tem de ser interrompida para uma reflexão filosófica mais profunda desses aspectos. Além disso, a obra é repleta de personagens envolventes e bem caracterizados, ficando impossível não nos identificarmos com pelo menos um deles.

Bem, o livro é muito bom, mas meu objetivo não é escrever uma resenha, e sim um artigo, mais propriamente um artigo sobre a relação entre o vazio e a felicidade. Foi por esse motivo que escolhi Vergonha dos pés para servir-me de base. O vazio que é a vida de Ana e sua incapacidade de ser feliz são fatores cruciais na vida de qualquer ser humano. Ninguém consegue a felicidade se não tem caminhos para buscá-la, se não tem objetivos e aspirações para perseguir.

A ética é a "reflexão que vai orientar, vai dar o sentido em direção à realização do ser humano. Pensar a ética é discutir a razão de ser da escolha de um comportamento em detrimento de outro.

A discussão da felicidade que se instaura em Vergonha dos pés se encaixa muito bem na matéria que estou estudando atualmente na Faculdade: Ética e Felicidade. Segundo Roberto Patrus

Mundim Pena, professor de Filosofia da Face-Fumec e autor de *Ética e felicidade*, a ética é a "reflexão que vai orientar, vai dar o sentido em direção à realização do ser humano. Pensar a ética é discutir a razão de ser da escolha de um comportamento em detrimento de outro. Os critérios que valem em um momento podem não ter valor em outro, mas a meta é sempre a mesma: ser feliz. Assim, se a razão de ser da ética é o ser humano, e a finalidade deste é a felicidade, concluímos que a ética está a serviço da felicidade humana, do seu bem". Portanto, nossa felicidade vai depender dos caminhos que escolhermos para poder alcançá-la, das escolhas que fizermos em nossas vidas. Já sabemos, portanto, que a finalidade da ética é a felicidade. Mas, para que essa felicidade seja alcançada, é preciso conhecer a verdade. Que verdade é essa? Qualquer verdade. Qualquer decisão em nossas vidas, qualquer pensamento que temos, qualquer atitude que tomamos baseia-se na busca da verdade. Estamos sempre buscando-a em todas as coisas, não importa se por meios certos ou errados, bons ou ruins. Desse modo, cada indivíduo tem sua maneira de agir e pensar, tem seu estilo próprio de enxergar a realidade e de buscar alguma verdade nela. Como somos todos diferentes uns dos outros, seria muita ingenuidade supor que enxergamos

a realidade que nos cerca (e logo, a verdade à nossa volta) da mesma maneira. Cada pessoa tem uma percepção diferente da realidade.

O que percebemos no mundo que nos cerca não passa de fenômenos, de "distorções" da verdade que está por trás de nossas lentes, impossível de ser vista a olhos nus.

Assim, se a realidade muda de pessoa para pessoa, o que é a verdadeira realidade? Quem detém o conhecimento verdadeiro sobre as coisas? Impossível responder a essa pergunta, pois ela não tem resposta. A verdade é impossível de ser alcançada. O que percebemos no mundo que nos cerca não passa de fenômenos, de "distorções" da verdade que está por trás de nossas lentes, impossível de ser vista a olhos nus.

Logo, se não conhecemos a verdade, como é possível ser feliz? Essa é uma pergunta para você, caro leitor, pensar. Não tenho a capacidade de respondê-la, pois cada um de nós encontra a felicidade em coisas distintas. Como já foi dito, cada um de nós vê a realidade de forma diferente.

É a partir desse ponto crucial que voltamos à discussão de Vergonha dos pés. Já sabemos que a felicidade se baseia na ética e na

busca da verdade. Ana, mesmo não sendo feliz, era uma pessoa ética. Todos nós somos éticos, cada um à sua maneira. O problema é que ela não conseguia alcançar o objetivo de sua ética, pois possuía paradigmas errados e distorcidos de sua realidade. Ana não conseguia ser feliz justamente porque o tédio em que vivia não a deixava enxergar que sua vida estava ausente de verdades, de objetivos, de símbolos. Ela simplesmente não se interessava em buscar as representações da realidade das quais tanto necessitava. O trecho a seguir pode provar muito bem isso, ao mesmo tempo que nos mostra as idéias de Ana sobre a felicidade:

Felicidade é coisa para casais românticos das comédias americanas da década de cinqüenta, tipo Doris Day e Rock Hudson.

Felicidade é contar o dinheiro da família no fim do mês e ver se dá para uma viagemzinha até o campo. Ou soltar pipa com os dois filhinhos pequenos na praia.

"A questão é que ela nunca foi exatamente feliz, não entende muito bem o que as pessoas querem dizer com isso. Acha um certo exagero esta procura insana pela felicidade. Para Ana, a felicidade é

algo meio cafona. Felicidade é coisa para casais românticos das comédias americanas da década de cinqüenta, tipo Doris Day e Rock Hudson. Felicidade é contar o dinheiro da família no fim do mês e ver se dá para uma viagemzinha até o campo. Ou soltar pipa com os dois filhinhos pequenos na praia. Isso, para Ana, é simplesmente pesadelo. E se alguém pergunta para ela o que é felicidade, Ana responde que felicidade é um jantar com um casal amigo – e ela detesta isso também. Porque Ana sabe que felicidade não tem variantes. Não adianta conversar mole de que cada um tem a sua versão do que é ser feliz. Ana sabe que felicidade é, para todos, a mesma coisa, só que não está interessada nela. Não há estímulo algum em correr pelas areias molhadas de uma praia deserta, nem olhar para o rostinho assustado de um filho que é sua cara, nem beijar na chuva de madrugada. Não que ela não viva alguns momentos ditos felizes, e até os aprecie. Mas não existe, para Ana, o 'estou feliz'. Porque ela despreza ilusões".

Quando traçamos metas e as alcançamos, logo depois já temos outras aspirações, outras necessidades, outras coisas que nos interessam, outros patamares a serem conquistados.

*uma das maneiras
de sermos felizes, já que a
verdade é impossível de
ser conhecida, é
inventarmos a nossa
própria verdade.*

Para Ana, então, a felicidade não passa de ilusões românticas. Ela não quer e não é capaz de ser feliz, pois se recusa a acreditar em mentiras, a construir ilusões que poderiam substituir sua incapacidade de conhecer a verdade, inerente a qualquer ser humano, não só a ela. O grande problema é que Ana não via motivos para acreditar em ilusões, pois o tédio tirava toda a sua vontade de buscar algum sentido para sua vida. E é isso que ele faz com qualquer pessoa. Quando estamos entediados, apenas temos vontade de ficar o dia inteiro deitados em nossas camas, sem fazer nada, achando que nossa vida não vale nada e que nada podemos fazer para mudá-la. Ora, NADA é igual ao VAZIO. O ponto a que eu gostaria de chegar é exatamente este: uma das maneiras de sermos felizes, já que a verdade é impossível de ser conhecida, é inventarmos a nossa própria verdade. Podemos tentar preencher esse vazio com nossas ilusões, cada um à sua maneira. A vida, de fato, é isto: um grande vazio. Nosso dever, enquanto seres pensantes, é preenchê-la com objetivos

a serem alcançados, com trabalho (tanto interno como externo), com pessoas que amamos, com "filhinhos que são a nossa cara", com "jantares com os amigos", enfim, com coisas que nos façam bem. E era exatamente isso que Ana foi incapaz de fazer, e que a levou ao fundo do poço.

Quando traçamos metas e as alcançamos, logo depois já temos outras aspirações, outras necessidades, outras coisas que nos interessam, outros patamares a serem conquistados. É essa "escada de aspirações" que nos faz querer sempre ir além. Foi essa escada que fez o homem chegar onde chegou e que continua a empurrá-lo, cada vez mais alto. O grande desafio, de todos nós, é o de subir essa escada e nunca nos cansarmos. Claro, às vezes damos uma "paradinha" para descansar, mas o importante é sempre estar subindo, buscando aquilo que nos propusemos a alcançar.

Portanto, caro leitor, o que você anda fazendo para ser feliz? Que escadas anda subindo, que verdades anda buscando? O desafio está lançado. Só resta agora abraçá-lo e... ser feliz.

PENA, Roberto Patrus Mundim. Ética e felicidade. 2.ed. Belo Horizonte: Faculdade de Estudos Administrativos, 1999.

YOUNG, Fernanda. Vergonha dos pés. 2.ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.

Guilherme dos Santos Carvalho é aluno do Curso de Administração da FACE-FUMEC
